



**DANÇA CIGANA INCLUSIVA NUM AMBIENTE VIRTUAL:  
explorando outra perspectiva de socialização com a dança.**

**LA DANZA GITANA INCLUSO EN UN ENTORNO VIRTUAL:  
explorando otra perspectiva de socialización con la danza.**

**THE GYPSY DANCE INCLUSIVE IN A VIRTUAL ENVIRONMENT:  
exploring another perspective of socialization with dancing.**

**Luciana Vitor Dias<sup>1</sup>**

**Ludmila Jardim da Conceição<sup>2</sup>**

**Myllena Marques Gomes<sup>3</sup>**

**Juliana Siqueira Botão<sup>4</sup>**

**Giselda Benedita Jordão Silveira<sup>5</sup>**

#### **Resumo**

O presente trabalho apresenta a experiência de aulas de dança cigana, oferecidas de modo remoto, durante a pandemia do COVID-19, no âmbito da Associação Cultural Namastê, instituição sem fins lucrativos, situada no Distrito Federal, a qual atende pessoas de diferentes idades com e sem deficiência

**Palavras-chave:** arte, inclusão social, pandemia

#### **Resumen**

El presente trabajo busca relatar la experiencia de las clases de danza gitana ofrecidas a distancia durante la pandemia del COVID-19 en el ámbito de la Associação Cultural Namastê, una institución sin fines de lucro ubicada en el Distrito Federal, que atiende a personas de diferentes edades con y sin discapacidad.

**Palabras claves:** arte, inclusión social, pandemia

---

<sup>1</sup> Pedagoga e mestre em psicologia pela Universidade Católica de Brasília - UCB. Idealizadora e coordenadora geral da Associação Cultural Namastê. Email: [vitorluciana781@gmail.com](mailto:vitorluciana781@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás - Email: [ludmila.jardim@outlook.com](mailto:ludmila.jardim@outlook.com).

<sup>3</sup> Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade de Brasília. Diretora artística da Associação Cultural Namastê.

<sup>4</sup> Graduada em Gestão Ambiental e pós graduada em educação inclusiva com ênfase em transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades. Diretora administrativa da Associação Cultural Namastê

<sup>5</sup> Mestre em psicologia e coordenadora do curso de psicologia no Centro Universitário ICESP.

### Abstract

The present work seeks to report the experience of Gypsy dancing classes offered remotely during the pandemic by COVID-19 within the scope of the Associação Cultural Namastê, a non-profit institution located in the Federal District, which attend people of different ages with or without disabilities.

**Key words:** art, social inclusion, pandemic.

\* \* \*

## 1. Introdução

O mundo vivencia uma crise decorrente da contaminação pelo coronavírus. Na tentativa e esforço de conter o avanço e as consequências da contaminação, os órgãos internacionais de saúde orientam o isolamento social como medida de prevenção para o momento. Assim, a tecnologia tornou-se uma grande aliada em vários setores, na economia, nas pesquisas científicas, educação e diversos espaços sociais.

Temos visto a utilização da Inteligência Artificial e de outros conceitos tecnológicos apoiando diretamente no combate ao vírus. Tais estratégias variam desde sistemas de detecção da epidemia em determinadas regiões e de novos casos de Covid-19 até o transporte de objetos por drones, por exemplo. Nesse cenário, com a utilização da IA e da Ciência de Dados, existem empresas globais que desenvolveram um sistema inteligente, antecipando quando um país ou região será afetado pelo surto de uma doença, como o novo coronavírus, emitindo alertas para instituições governamentais e organismos oficiais de saúde. (OLIVEIRA, 2020)

Acredita-se que será um momento de grandes transformações nas relações sociais, e que esta pandemia pode ser vista como um convite para refletir, sentir e pensar em uma nova forma de se relacionar, utilizando a tecnologia e a aplicação de novas ferramentas para realização de várias atividades. Conforme Velho, Herédita (2020), vale ressaltar que a tecnologia da comunicação sofreu uma mudança significativa na última década, produzindo novas formas de inserção e atuação em algumas esferas sociais. E o momento atual, acelerou a relação e impulsionou o consumo em massa destes recursos.

Poder quebrar o distanciamento e se sentir em comunidade vem a ser um grande desafio para o momento. Ao que tange a espaços comunitários, estes se tornaram vazios nesse novo cenário. E a alternativa encontrada foi recorrer ao mundo virtual, visto que, com o isolamento social, muitas implicações psíquicas e sociais podem surgir, sendo elas: depressão, ansiedade, agressividade e impulsividade, além de dificuldades de relacionamento interpessoal, uma vez que a convivência familiar se intensificou no período supracitado.

Pedrosa e Dietz (2020), ressaltam que a arte pode ser uma aliada potente neste momento, auxiliando para minimizar os efeitos produzidos no cenário de crise e incertezas, contribuindo para o pleno desenvolvimento físico, absorção de competências socioemocionais e uma amplitude de significações, tais como, senso de responsabilidade, cooperação, autocontrole na realização de ações, sensibilidade, criatividade, capacidade de percepção crítica do ambiente, de lidar com frustrações, disciplina, concentração, e ainda

Contribui para o desenvolvimento de habilidades e competências que podem ser desenvolvidas a partir do processo de criatividade, inteligência emocional, construção, o ato de exteriorização, da sensibilidade, a intuição, e até coordenação motora. Além disso, contribui para uma formação crítica do mundo, que favorece o respeito às diferenças e o diálogo entre culturas, essenciais para o exercício de sua cidadania” ( PEDROSA; DIETZ, 2020 apud BRASIL, 2018).

Para Reis, Mendonça e Júnior (2020), o momento requer muito cuidado, consigo próprio e com o outro, tendo em vista as inúmeras consequências decorrentes do isolamento vivenciado. E segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), entre os grupos considerados com maior risco de complicações, caso sejam diagnosticados positivos para o COVID-19, estão os idosos e pessoas com deficiência (OMS, 2020).

Sendo assim, este trabalho traz relatos da experiência vivenciada na Associação Cultural Namastê, durante a pandemia. Esta associação constitui-se um ponto de cultura vivo no Distrito Federal, se trata, portanto, de um espaço inclusivo, com atendimento a pessoas sem e com deficiência e abrange diferentes faixa etária.

De acordo com uma pesquisa de mestrado realizada nesta instituição, o grupo que compõe a Namastê considera fundamental a interação vivenciada, com referência no formato presencial.

Constatou-se, por meio dos procedimentos relatados, que os participantes do grupo de dança cigana Namastê comparam este grupo a uma família, por identificação com as suas subjetividades. O grupo de dança significa para seus participantes acolhida, reconhecimento, resgate da confiança, apoio, cuidado e ajuda. Para os pesquisadores estas subjetividades estão relacionadas a grupos familiares os quais remetem a sensações de segurança e estabilidade. Os processos subjetivos produzidos a partir da convivência com o grupo em uma relação de autoajuda e ajuda interpessoal impactaram profundamente a subjetividade de cada aluno, elevando as suas autoimagens. (DIAS, 2016, p.81)

No entanto, considerando o momento de pandemia, os encontros precisaram ser repensados. Desta maneira, no primeiro semestre de 2021, os atendimentos limitaram-se ao apoio emocional e confecção de máscaras para doação a abrigos e creches.

Percebeu-se relutância para propor alguma atividade online, em função de dificuldades em lidar com questões tecnológicas e visualizar a ação sem a presença física. Porém, os encontros virtuais foram a alternativa mais viável para o momento, também utilizados como forma de amenizar os efeitos deste isolamento, da ausência do contato físico e social.

Vale ressaltar que essa proposta de intervenção foi incentivada pelo Estágio Supervisionado II do curso de Psicologia, vinculado ao Centro Universitário ICESP.

Segundo Miranda (2020), os encontros neste formato representam uma abertura para um espaço onde movimentar mente e corpo pudesse acontecer dentro de casa, porém, em concordância com Miller (2014), o objetivo seria, necessariamente, simular um espaço de dança, mas vivenciar a dança no espaço real como arte da presença e encontro, e assim, foi feito.

### **1.1. A Associação Cultural Namastê**

A experiência ocorreu no âmbito da Associação Cultural Namastê, uma Organização Não Governamental (ONG), situada à Terceira Avenida Bloco 1280 Casa 01, no Núcleo Bandeirante - Distrito Federal, que tem por finalidade estabelecer mecanismos que favoreçam a inclusão social por meio da dança, de modo a ampliar a

qualidade das relações e valorizar as potencialidades humanas, construindo ações que reconheçam a deficiência como parte da diversidade e da condição humana, objetivando a inclusão social.

A Associação foi criada formalmente em 10 de setembro de 2008, a partir de experiências profissionais de Dança Cigana, desenvolvidas pela professora Luciana Vitor, regente da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, que atuava em escolas da rede pública de ensino, nas quais desenvolvia trabalhos de dança como suporte para o processo de alfabetização de alunos diagnosticados com diversas tipologias de deficiências.

Atualmente, na Associação, são atendidas 100 pessoas, com e sem deficiências, cuja renda familiar mensal é de um a dois salários mínimos em média.

O atendimento às pessoas com deficiência na instituição abrange as tipologias de deficiência visual, física, intelectual, deficiência múltipla, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Síndrome de Down, com faixas etárias entre 3 e 63 anos.

As ações pautadas pela Associação possibilitam que o grupo participe de espetáculos, mostras, apresentações e exposições, em todas as Regiões Administrativas do Distrito Federal promovendo a divulgação do grupo. Desde 2008, houve possibilidade de criar e apresentar espetáculos em grandes palcos, como o do Teatro Nacional Claudio Santoro, Teatro Cultural da Caixa, Museu Nacional, sessões solenes referentes à pessoa com deficiência na Câmara Legislativa, no Senado Federal, na Câmara Federal, e em solenidades ocorridas na cidade-sede, Brasília.

Na metodologia adotada pela Associação, todas as pessoas participam juntas da mesma aula. As/os monitores são os/as próprias/os participantes, sem e com deficiência, possibilitando uma ajuda mútua entre as pessoas envolvidas.

A associação já fez parceria para atender os participantes do Conselho Regional de Assistência Social (CRAS), desenvolveu a dança cigana com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, fazendo parte da equipe do Adoloscetro e faz constantes apresentações em escolas públicas do Distrito Federal, trabalhando a inclusão social e levando acessibilidade por meio da arte.

Em 2016, o grupo participou do “Festival Internacional de Dança”, realizado na cidade do Porto, em Portugal, e em 2017 do “Mercado Persa”, em São Paulo, além do “Festival de Joinville”, entre outros espaços. Apresentou trabalhos acadêmicos no “Congresso de Síndrome de Down”, em Manaus, e no “Dança Inclusiva, o que é isso?”, dentre outros. Inclusive, a instituição recebeu o prêmio ANAMATRA (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho), Categoria Cidadã e se tornou Ponto Cultura Viva.



Imagem 1. Fotos de aulas, de momentos e apresentações do grupo. Fonte: acervo pessoal.

## 2. Proposta de intervenção e metodologia

Considerando que a pandemia em decorrência do Covid-19 acarretou mudanças mundiais, quando se utilizou do isolamento e distanciamento social, como alternativas de evitar o avanço da doença, o momento exigiu adaptações nas rotinas e intensificou a recorrência no uso de recursos tecnológicos de informação.

É importante ratificar que o isolamento social pode afetar o desenvolvimento emocional das pessoas, abalando a saúde mental, sendo possível o surgimento de reações psíquicas como tristeza, sintomas de ansiedade, depressão, estresse além da sensação de desamparo frente ao contexto ao qual as pessoas ficaram submetidas:

Diante de tal cenário, para além da saúde física, é necessário dar-se uma atenção especial também para a saúde mental, que pode sofrer com crises de ansiedade e picos de estresse, o que, conseqüentemente, pode afetar também o sistema imunológico (SANARMED, 2020).

Considerando ainda, que a dança é um recurso que trabalha a pessoa em suas amplas dimensões, proporcionando também a interação social, incentivar a sua prática só seria possível, a partir da composição de um ambiente virtual.

É possível afirmar que a dança na Namastê representa um espaço de interações, de respeito mútuo quanto à diversidade de subjetividade, de contato com sentimentos e emoções singulares:

No grupo de dança cigana Namastê, a poética do movimento baila em sentidos inclusivos, com o olhar voltado para o processo subjetivo de cada um, construindo um espaço onde a dança cigana contribui para a efetivação da inclusão social, com gestos acolhedores, amorosos e afetuosos. (DIAS, 2016, p.84)

Assim sendo, a proposta apresentada ao grupo Namastê foi a de trabalhar a dança no formato online como recurso de interação social durante o período de isolamento social. O objetivo principal desta proposta baseou-se no fomento à atividade física e na interação com a arte, uma vez que estes elementos trazem diversos benefícios para a saúde mental. Alguns objetivos específicos foram pretendidos com essa proposta, como: refletir novos caminhos metodológicos para o desenvolvimento das aulas num formato não convencional e a capacitação do uso de ferramentas tecnológicas para aulas em ambientes virtuais.

Após a aceitação da proposta pelo Núcleo Coordenador da Associação Cultural Namastê, iniciou-se a organização das aulas.

A princípio, o critério de inclusão adotado foi o de que o aluno deveria possuir um computador ou notebook com acesso a internet para acompanhar as aulas síncronas. Porém, este critério foi alterado, uma vez observado que a exigência do computador viria a tornar este espaço excludente para alguns, desta forma, permitiu-se o uso de celulares ou tablets, de acordo com a disponibilidade de cada uma das ferramentas.

Foram realizados três encontros virtuais por meio da plataforma “Google Meet”, com duração de uma hora e meia cada um. No desenvolvimento das atividades, contou-se com a participação de 10 alunas da Namastê, a psicóloga e a coordenadora administrativa da instituição e, também, com a professora de dança. Assim, as aulas foram transmitidas direto do espaço físico da instituição.

### **3. Desenvolvimento da proposta**

No decorrer do desenvolvimento da proposta, observou-se uma baixa adesão da totalidade de pessoas atendidas pelo projeto, justificando o momento de impossibilidades e tensionamentos acarretados pela pandemia. Deste modo, as intervenções contaram com a participação de:

- a) Sandra, 8 anos, moradora de Samambaia, no grupo há 4 anos;
- b) Liz, 8 anos, gêmea de Sandra, bisneta de Carmem.;
- c) Clara, 9 anos, 7 anos no grupo, tem Trissomia do Cromossomo 21, a síndrome de down; mora com a mãe;
- d) Lucia, 59 anos, mãe de Clara, moradora do Guará. Não dançava até então;
- e) Laura, 22 anos, assistente de dança e coordenou e assessorou toda a parte tecnológica dos encontros, há 18 anos na dança com a professora Luciana, virtuais;
- f) Rosa, 23 anos, tem Trissomia do Cromossomo 21, síndrome de down. Mora somente com a mãe, no grupo há 4 anos;
- g) Dara, 34 anos, monitora, deficiente intelectual, há 14 anos de grupo. No momento, está passando a quarentena em Corumbá com os pais;
- h) Mara, 65 anos, mãe da Rosa, moradora do Park Way.

- i) Carmem, 68 anos, tem deficiência visual, mora sozinha em Samambaia.
- j) Maria, 81 anos, está no grupo desde 2011. Há 3 anos não participava presencialmente por questões de saúde. Mora sozinha no Riacho Fundo II
- k) Psicóloga
- l) Professora de Dança

Observação: foi feita uma descrição das participantes com nomes fictícios para proteger as suas identidades. Foram quatro pessoas com deficiência (visual, física, intelectual e síndrome de down), sendo três idosas e três crianças.

Para as aulas, utilizaram-se os seguintes recursos:

- a) Plataforma Google Meet;
- b) computador;
- c) celular;
- d) Lenço;
- e) véu;
- f) bacia;
- g) água;
- h) pulseira;
- i) anel;
- j) saia de Dança Cigana;
- k) som;
- l) flashdrive.

### 3.1 Relato da execução

O primeiro encontro aconteceu no dia vinte e quatro de setembro de dois mil e vinte, com a participação da Dara, Clara, Mara, Rosa, Lucia, Laura e a Psicóloga.

Meia hora antes do evento, a professora entrou em contato com todos para saber como estava a preparação para a aula.

No início da aula, ainda foram feitos alguns ajustes em relação à ferramenta tecnológica utilizada. A aluna Dora precisou do auxílio da mãe para entrar na plataforma, ligar e desligar o microfone. A aula iniciou-se com uma partilha verbal sobre o momento atual. Foram explanados os objetivos do trabalho a ser desenvolvido no grupo e feita a apresentação da psicóloga que acompanhou o trabalho grupal.

Durante a aula, a aluna Clara não conseguia utilizar o seu microfone, a comunicação foi feita por chamada de vídeo pelo celular.

Foi trabalhada a técnica do espelho utilizando o lenço e músicas com dança livre, sendo os pares organizados por mãe e filha e as duas que estavam no mesmo espaço físico, sendo que Dara e Laura fizeram sozinhas.

A temática da dança foi a percepção do corpo em várias dimensões, as emoções, os sentimentos que afloraram, a vivência de cada momento presente no aqui agora e gratidão pela vida, com músicas escolhidas que abarcasse estas questões.

Clara apresentou um pouco de resistência nessa atividade, requisitando a intervenção da professora para que deixasse a mãe também dançar.

Durante as falas, todas apresentaram dificuldades em fechar os microfones, bem como na saída da plataforma, e foi solicitado o auxílio da Laura.

No final da sessão, foi feita uma avaliação do encontro. Relataram as dificuldades em relação a ferramenta utilizada e agradeceram a oportunidade de fazerem parte deste grupo.

Já no dia cinco de novembro de dois mil e vinte, aconteceu o segundo encontro, com a presença de Dara, Mara, Rosa, Laura e a Psicóloga.

Lúcia e Clara tiveram problemas no computador e devido às dificuldades encontradas durante as aulas remotas escolares assistidas pelo celular, Clara se recusava a utilizar esta ferramenta para desenvolver qualquer aula. A sua mãe encaminhou uma mensagem a professora, relatando o fato e se mostrou bem triste com

a situação, tendo em vista que não gosta de deixar a filha sem participar das atividades que tem oportunidade e gosta, uma vez que por ter síndrome de down já é excluída de muitas atividades sociais no cotidiano.

Nessa aula foi trabalhado o véu, iniciando com o mito da Deusa Ísis, que trabalha a perda, a dor e a superação. O véu é um acessório que foi criado e inspirado nas asas de Ísis, a deusa egípcia do amor. Foi feita uma comparação com a representação do mesmo na cultura cigana, como o amado.

Foi possível perceber alguns avanços em relação ao encontro anterior, como ampliar algumas técnicas com o movimento de mão.

O exercício do espelho foi feito pelas duplas: Rosa e Mara que estavam no mesmo espaço físico e Laura e Dara mesmo estando cada uma na sua casa e momento da atividade, foram fechando todas as câmaras, deixando só as das duas abertas para que pudessem visualizar melhor os movimentos de cada uma.

No repertório musical havia músicas que ainda não tinham sido trabalhadas durante as aulas no grupo e era desconhecida pelas alunas.

A temática foi abordagem nova do uso do véu na Cultura Cigana, o seu simbolismo durante a dança, como é vivido a presença do amado no cotidiano e como reverbera esta relação no corpo próprio, a conexão interna e com o outro e a dança com entrega e presença.

Ao final, foi feita a avaliação do encontro com relatos positivos, ressaltando que o mito utilizado fez diferença no momento de conexão e entrega durante a dança que passou a ter mais significado e sentido utilizando o elemento trabalhado no dia, bem como apreciaram o repertório musical.

Rosa chegou a comentar que não sabia dançar músicas, justificando algumas paradas durante a aula.

Mara disse que teve um pouco de dificuldade de dançar o espelho com a filha, que esquivava o olhar constantemente e não conseguia copiar os seus movimentos, ficando livre e bem disposta quando realizava a sua própria dança.

Dara relatou que não ficou nervosa durante o espelho nos momentos que não conseguia perceber bem os movimentos da parceira de dança, pensava que diante da alegria de estar fazendo aula, este era um uma questão que se tornava insignificante.

Foi uma aula que as alunas demonstraram alegria e com o envolvimento de todas. O terceiro e último encontro aconteceu no dia vinte e cinco de novembro de dois mil e vinte, depois de duas desmarcações.

A mãe da Dara, cinco horas antes, informou que não teria consulta.

Lucia e Clara estavam sem condições de entrar no virtual.

Para que o encontro acontecesse foi feito o convite a quatro alunas, mesmo utilizando como recurso o aparelho celular para se conectarem à plataforma.

Foram solicitadas com antecedência pulseiras, anéis e uma bacia com água.

A aula foi desenvolvida com a Mara, Rosa, Laura, Maria, Carmem, Sandra, Liz e a Psicóloga.

Passados os ajustes tecnológicos, a aula iniciou com a fala emocionada da Maria pela oportunidade de estar conectada com a turma novamente. Todas ficaram impactadas e emocionadas com a expressão dela.

A temática da aula abordou a mão (importância na vida, movimentos na dança), consciência corporal, a relação com o outro, dançar com presença e a gratidão pela vida.

As pulseiras e anéis já estavam sendo usados, recurso para facilitar a consciência corporal dos movimentos das mãos e dos braços durante a dança, além do encanto, enquanto adorno.

Após cada uma falar sobre o que gostava de fazer com as mãos, foi feito o mesmo exercício sendo que com a água na bacia, seguindo alguns comandos e reflexões sobre a importância da delicadeza nos movimentos e a consequência dos movimentos feitos bruscamente.

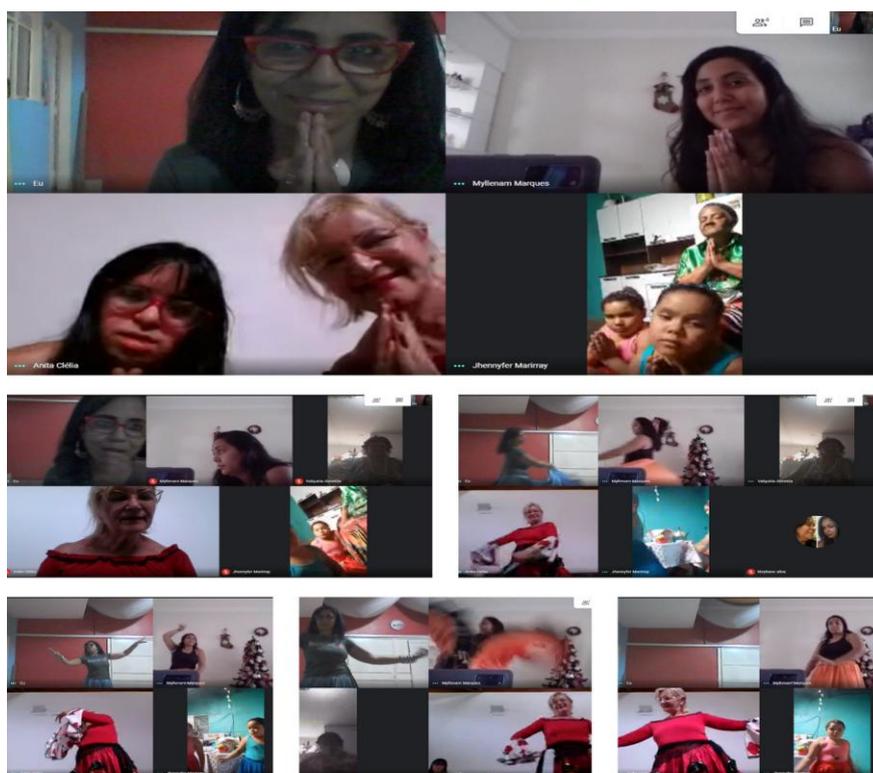
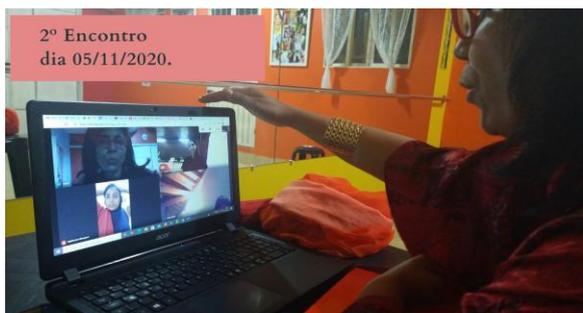
Rosa parou de dançar na terceira música, alegando não se sentir bem.

Maria fez a aula sentada na cama, pois já não conseguia ficar em pé e, no início da aula, perguntava constantemente como iria fazer com o celular para segurar e dançar ao mesmo tempo.

Carmem fez os seus movimentos sentados, têm deficiências visual e física, contando com o apoio das bisnetas.

Dara mostrou-se mais independente em relação ao uso da ferramenta.

Foi uma aula diferente, com muita emoção, alegria, envolvimento e gratidão!



Imagens 2, 3 e 4. Fotos tiradas durante as aulas. Fonte: acervo pessoal

### 3.2. Resultados

Foram realizados três encontros virtuais, que ocorreram por meio da plataforma “Google Meet”.

As aulas de dança online, segundo Tomazzoni e Canto (2020), de acordo com pesquisas, conseguiram dar continuidades e manter 99% das atividades durante este período de isolamento, o que aponta a efetividade que as aulas no formato remoto adquiriram.

Inicialmente, foi estabelecido contato com Dara sobre a possibilidade de se usar a plataforma nas aulas online.

Após o estudo e a escolha, os outros alunos foram contatados e feito o convite seguindo o critério estabelecido. Entretanto, para que o último encontro acontecesse foi necessário rever e convidar pessoas que só tinham o celular como forma de acesso ao virtual.

Os efeitos produzidos mostraram a importância da participação das quatro pessoas que foram convidadas. Maria e a Carmem já estavam em isolamento das atividades, antes mesmo do período de pandemia, entretanto, pela tela do celular foi possível a conexão virtual, e a presença corporal, enquanto consciência, promovendo a verdadeira entrega em cada movimento que era permitido pelas limitações físicas do corpo, e estarem em estado de inteireza, conforme aponta Miller (2012).

As duas participantes com síndrome de down contaram com o apoio das mães durante a execução das aulas, sendo que Mara já era aluna da Namastê. Porém, essa foi uma proposta que não teve muito êxito.

Clara não permitia que a sua mãe dançasse e aparecesse na tela. Queria o espaço só para si. No momento do exercício do espelho, a professora solicitou que ela fosse a sua ajudante e mostrasse os movimentos para que a mãe pudesse copiá-los e que fizessem a conexão de olhar para mantê-la na dança. Este foi o único espaço que Lúcia realmente teve para experimentar a dança. Já com a Rosa, no segundo encontro usava as músicas para justificar as suas paradas e na seguinte falou que não estava se sentindo bem, e após a aula ficou ligando e mandando mensagem incessantemente para a professora pedindo desculpas por não ter participado da aula. A Mara em conversa particular, informou a professora que a filha estava com muito ciúmes, achando que não

recebia atenção, que às vezes o olhar da professora estava voltado para a mãe e para os colegas. Cada uma entrou em contato com sentimentos singulares, como ressalta Canella e Vieira (2007), por meio da dança as pessoas entram em conexão com a sua subjetividade e expressam os seus sentimentos.

O primeiro encontro foi o mais desafiador em relação ao planejamento e de exercer no formato remoto. Eram muitas dúvidas, inseguranças, ansiedades e diversos sentimentos.

A segunda aula ocorreu com muita fluidez. O fato de não ter criança, permitiu o uso da linguagem no momento do mito mais adequado à história. Por ser um grupo inclusivo na própria constituição, sempre se tem a presença de todas as idades na mesma turma e a linguagem sempre deve ser adaptada. Assim, a história pode fazer sentido para todas, bem como trabalhar os sentimentos aflorados.

O novo repertório musical foi outro ponto ressaltado, sendo um elemento que solicita a escuta, suscita o contato com os sentimentos e a dança é um meio para expressá-los. Desta forma, estas emoções acionam sensações singulares e subjetivas inéditas.

A alegria do retorno das pessoas que estavam afastadas por impossibilidades relacionadas à saúde, foi um momento de extrema importância para todos.

Maria sempre foi uma pessoa muito alegre que tinha a dança como aliada em todos os momentos. Formava dupla com o filho que também participava e sempre dançavam juntos em apresentações do grupo e eventos familiares. Com a morte desse companheiro de baile, que ocorreu em 2016, a sua vida se tornou um vazio cheio de dores e tristezas. Já não saía de casa antes de iniciar a pandemia. Com dificuldade pra comer, perdeu muito peso e não conseguia ficar em pé sozinha. Quando recebeu o convite para fazer a aula, se encheu de expectativas e ânimo. Ligava constantemente para a professora, buscando sanar dúvidas, questionando como poderia mesmo fazer as atividades mesmo estando na cama, como iria acontecer, colocaria as pulseiras e anéis antes, entre outras questões abordadas. O ato de dançar e estar em contato com o grupo, possibilitou-lhe a conexão com sensações emocionais internas que a motivaram a vivência da dança, proporcionando bem-estar e entrega. No dia seguinte à aula, mandou um vídeo para a professora, onde aparecia dançando em pé, com toda a vestimenta

usada durante uma apresentação. Como afirma Callela e Vieira (2007, p.128), “por intermédio do corpo sensibilizamos outras dimensões da vida”.

Para Carmem, a espera entre o convite que foi feito quatro horas antes e o desenvolvimento da aula, também gerou bastante ansiedade. Tornou-se deficiente visual em função do glaucoma e por ter deficiência física, enfrenta muitas limitações. Quando entrou na plataforma, estava sentada, com figurino improvisado, tendo em vista que sua roupa estava na Namastê, usando colares e pulseiras (normalmente não usa). Como ressalta Vieira (2012), a dança inclusiva abre caminhos para a valorização da singularidade de cada um e o respeito às diferentes dimensões dos corpos.

As crianças que estavam no terceiro encontro, segundo a mãe, estavam prontas com as saias, aguardando a aula desde o convite que também foi feito quatro horas antes. Estavam animadas, conseguiram desenvolver todas as atividades propostas e ainda auxiliarem a bisavó.

Sobre o que as emoções proporcionam, González Rey (2007, p.139), coloca que são enfatizadas pelos sentidos subjetivos das pessoas, indo além de uma mediação de significados”. Neste caso, a alegria está contextualizada num sentido subjetivo de presença, de encontro e ajuda mútua.

Os elementos trabalhados visavam também chamar a atenção das alunas, e facilitar a conexão. Tudo era relacionado ao momento vivido, como a importância do cuidado, da delicadeza, do outro, de viver o “aqui agora”, com fluidez, se tornando gatilhos para o processo de reflexão.

Existem algumas atividades durante a aula que contribuem para que as participantes possam sentir a música no corpo, como o “exercício do espelho”, pelo qual, em dupla, ao som da música, um dançante faz o movimento e o outro cópia, em seguida trocando de funções na dupla e a música se repete. Dias aponta que,

Os elementos utilizados na dança cigana são importantes porque produzem sentidos subjetivos proporcionando experiências únicas para cada um dos participantes. O mesmo elemento também pode mediar experiências diferentes para as mesmas pessoas gerando novos sentidos subjetivos. (2016, p. 72)

No dia previsto para começarem as aulas, a psicóloga foi diagnosticada com COVID-19.

Durante todos os encontros só foi possível a sua participação por ser neste formato, tendo em vista que a mesma se encontrava em isolamento. Foi de suma importância o seu suporte psicológico, mesmo diante da situação que se encontrava.

Considerando a fala de González Rey (2003), quando afirma que, “ os espaços contêm subjetividades sociais e estas provocam mudanças emocionais inerentes à autoestima, segurança pessoal e aceitação social”, foi constatada de forma significativa a alegria da dança, da convivência mesmo utilizando a plataforma virtual, bem como os impactos positivos proporcionados a partir desse encontro.

#### **4. Considerações Finais**

*“A gente muda para continuar e continua pra mudar”*

Alejandro Ahmed

Entendendo a pandemia como um evento que alterou o nosso modo de perceber, pensar e organizar o nosso cotidiano, que reverberou também no modo da Namastê funcionar, além deste cenário repleto de inquietações e incertezas, foi descortinado um novo jeito de encontro para desenvolver as atividades interrompidas.

O ano de 2019 foi todo de preparação para o espetáculo, que aconteceria em março deste ano, em comemoração ao “Dia Internacional da Pessoa com Síndrome de Down”. Nos meses de janeiro e fevereiro, os ensaios foram intensificados, sendo realizados inclusive aos sábados e domingos o dia inteiro. Porém, com a chegada da pandemia, o espetáculo foi suspenso duas semanas antes da sua realização, já todo organizado: coreografias, figurinos, contratações efetivadas (equipe de iluminação, som, fotógrafos, espaço/teatro).

Inicialmente pensava-se que apenas seria adiado, e após inúmeras remarcações sem sucesso, a pauta no teatro está marcada para setembro de 2021. Tudo isso tem o seu valor, porém o cuidado com o ser humano sobrepõe qualquer questão.

É assim que a equipe da organização enfrentou a elaboração de diversos sentimentos durante esse período de mudanças.

Embora estivesse fazendo aprimorando a formação em Dança Cigana em formato online desde de abril, aulas ministradas em Santa Catarina, não conseguia-se visualizar este formato na Namastê, por dificuldades tecnológicas e singulares ao próprio grupo.

Movida pela necessidade de realizar o Estágio, a coordenadora pode repensar e após estudos e sensibilidade para perceber a necessidade da dança neste período para o grupo, o novo formato tomou corpo e aconteceu, embalado pelas dúvidas, incertezas, exploração de sentimentos e muito envolvimento emocional e técnico, apoio do conhecimento adquirido no curso de Psicologia e até mesmo com o desejo de lidar com descobertas pressionadas em relação à tecnologia.

Foi muito rico o processo de escrita do relatório do Estágio. Foram muitos dias dedicados, com uma ampla pesquisa bibliográfica. Está sendo um momento de grandes produções e publicações acadêmicas. Todavia, próxima a finalização da escrita, o computador apresentou problemas técnicos e toda pesquisa e produção foi perdida.

Ficou nítido, com esse trabalho, a importância da tecnologia, sobretudo no momento presente, porém convém ressaltar a importância de aprimorar os conhecimentos neste novo universo.

Esta intervenção potencializou outros encontros com conexões virtuais, assim, as aulas no formato online continuarão, porém com alterações. Serão formadas turmas, seguindo a seguinte divisão: uma para crianças, outra para adolescentes e jovens, e uma terceira para adultos e idosos.

Percebeu-se a necessidade das pessoas de partilharem suas vivências, dores, angústias com pessoas com faixas etárias similares, assim.

Haverá três grupos inclusivos, com duração de 1h e 30 minutos cada, como espaço de escuta e fala e desenvolvimento da Dança Cigana.

Os resultados foram de forma geral positivos e surpreendentes.

Com as mudanças provocadas na experiência durante a execução desta proposta, transformaram paradigmas construídos ao longo do trabalho docente. Foi um período de descobertas, reflexões, de experiências sensíveis e inspiradoras, de vivência de um corpo presente, justificando Miller (2014, p.108) quando afirma que,

O corpo presente clama a nós mesmos para sermos escutados de novo a cada momento novo, porque, por mais que o conteúdo pedagógico ancore um

caminho didático, nós, o mundo e os outros – aqui e agora – já não somos os mesmos, pois as transformações nos atingem e os instantes nos afetam

## Referências:

CANELLA, D.; VIEIRA, F. **Dançando com Portadores de Síndrome de Down**. In: FERREIRA, C. A. M. & RAMOS, M. I. B. *Psicomotricidade, Educação Especial e Inclusão Social*. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

DIAS, Luciana Vitor. **Dança Cigana, Inclusão Social e Subjetividade**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Brasília, 2016.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MILLER, J. **A escuta do corpo**: sistematização da Técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus, 2014

\_\_\_\_\_. **Qual é o corpo que dança? dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

OLIVEIRA, Keith. **O papel da tecnologia para apoiar no combate a pandemia**. Disponível em: <https://www.segs.com.br/saude/247684-o-papel-da-tecnologia-para-apoiar-no-combate-a-pandemia>. Acesso em :14 dez.2020

PEDROSA, G. S., DIETZ K.G. **A Prática de Ensino de Arte e Educação Física no contexto da pandemia do covid-19**. Boletim de Conjuntura (BOCA), v.2, n.5, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/PedrosaDietz> Acesso em: 14 dez. 2020

Recomendações de proteção aos trabalhadores dos serviços de saúde. Ministério da Saúde. Disponível em: [https://www.saude.gov.br/files/banner\\_coronavirus/GuiaMS-Recomendacoesdeprotecaotrabalhadores-COVID-19.pdf](https://www.saude.gov.br/files/banner_coronavirus/GuiaMS-Recomendacoesdeprotecaotrabalhadores-COVID-19.pdf) Acesso em: 14 dez.2020

Saúde mental em tempos de coronavírus-Sanar Medicina. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/saude-mental-em-tempos-de-coronavirus>. Acesso em: 14 dez.2020

SAYURI, J. Toyohashi. Japão. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52042839> Acesso em: 14 dez.2020

TOMAZZONI, Airton; ILZA, do Canto. **Aulas on-line: ensino de dança em Porto Alegre em tempos de isolamento social**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre,

Secretaria da Cultura, Centro Municipal de Dança de Porto Alegre, 2020. Disponível em: [https://issuu.com/centrodedanca/docs/aulas\\_on-line\\_final](https://issuu.com/centrodedanca/docs/aulas_on-line_final). Acesso em: 14 dez.2020

VELHO, F.D., HER´RDIA B.M. **O idoso em quarentena e o impacto da tecnologia em sua vida**. Rosa dos Ventos, Caixas do Sul, v.12, n.3 (2020). Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8903> . Acesso em :14 dez.2020

XAVIER, J.; SILVA, C.; ANTUNES, A. P. (Universidade da Madeira) Educação Parental e dança Inclusiva: Experiências de promoção da inclusão - **I Seminário Internacional” Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”**. Braga: Universidade do Minho, 2010.